

# Sindicato vê só sucata

“A falta de medicamentos e de material básico em praticamente todas as unidades hospitalares da rede já é crônica e vem, ao longo dos anos, se agravando”, denuncia a presidente do Sindicato dos Médicos, Maria José da Conceição. Ela ressalta que os hospitais públicos estão virando “verdadeiras sucatas”, provocando a evasão de profissionais; “não só pelas pessimas condições de trabalho, como também pelos baixos salários”.

Os sindicatos do setor enxergam a existência de uma “intensa campanha governamental de desmoralização do serviço público”. Para combater a idéia de que só o setor privado merece boas lembranças da população brasileira, o Sindicato dos Médicos planeja sair agora, em abril em defesa da Fundação Hospitalar, no sentido de valorizar seu trabalho e profissionais.

Segundo Maria José, a intenção será mostrar à comunidade o descaso do GDF diante da área de saúde pública, apesar do discurso do governador Joaquim Roriz ser diferente do de seus antecessores: “Ele diz que o setor é uma prioridade de sua gestão e que as verbas públicas existem. Só que as dificuldades continuam. A única diferença é que outros administradores diziam sempre que os recursos eram escassos”.

“Há indícios, inclusive, de

que o colapso da rede hospitalar esteja prestes a acontecer”, informa Maria José. Ela diz que o número de pacientes atendidos no DF tem crescido “vertiginosamente”, porém o quadro de profissionais continua congelado. De acordo com a sindicalista, o aumento da demanda se deve sobretudo ao fluxo cada vez maior da população flutuante em busca de assistência médica.

A presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Saúde (Sindicatão), Sônia Republicano, diz que o número de médicos ainda é mais compatível com as necessidades da FHDF do que o de auxiliares de enfermagem — que hoje formou menos de quatro mil funcionários. Ela acredita que o ideal seria a contratação de pelo menos mais sete mil profissionais.

Na campanha da defesa da FHDF, os médicos deverão buscar apoio da comunidade, logo depois que esta seja informada das reais condições de trabalho proporcionadas aos profissionais da área de saúde. “Logo em seguida, daremos um prazo para que o GDF contorne a situação”, diz Maria José. “Por fim, partiremos para a ação até que o sistema de saúde torne-se realmente uma prioridade de governo, com a possibilidade de efetivação de greves ou passeatas”.